Karina Gabrielle de Souza

O impacto do uso das TIC e a resiliência familiar entre pais e filhos na fase do ciclo de vida familiar da adolescência durante a pandemia de COVID-19

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Área de Especialização em Terapias Familiares e Sistêmicas

COIMBRA, 2024

O impacto do uso das TIC e a resiliência familiar entre pais e filhos na fase do ciclo de vida familiar da adolescência durante a pandemia de COVID-19

KARINA GABRIELLE DE SOUZA

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica - Ramo de especialização em Terapias Familiares Sistémicas

Orientadora: Professora Doutora Joana Carvalho

Membros do júri

Presidente: Professora Doutora Catarina Rosa

Arguente: Professora Doutora Gabriela Fonseca

Coimbra, 10 de outubro de 2024

Agradecimentos

Agradeço em especial a duas pessoas, minha mãe Cida por toda experiência de vida que dividiu comigo e por compreender a distância do momento atual, te amo. A minha amada avó Dona Geni (in memorian), tudo iniciou quando te encontrei pela primeira vez, és minha maior saudade.

As minhas meninas Kailane, Ana Júlia e Maeve, vocês sempre serão as minhas inspirações. Maeve, obrigada por ser minha parceirinha nesta louca jornada de vida, todos os dias são mágicos ao seu lado.

Meu Pai João (in memoria), que me ensinou sobre resiliência, para sempre em meu coração.

Eduardo, o amigo que vibra com as minhas conquistas e me apoiou desde o início neste sonho.

As minhas tias Ana, Neide, Cleide e Lena, tem um pedacinho de cada uma dentro de mim, que vibra todos os dias!

Às minhas irmãs Lu, Qelle e Lud, vocês não imaginam, mas me inspiraram nesta jornada longe de casa.

Fauzy, a nossa eterna amizade!

As professoras do mestrado, que em cada aula fizeram transbordar a emoção em aprender sobre Sistémica. Em especial minha orientadora Professora Joana Carvalho, obrigada pelos ensinamentos, confiança e apoio.

Aos colegas de turma Jorge e Ernestina, amigos especiais, obrigada por momentos incríveis.

As amizades no Brasil e as novas amizades que conquistei em Coimbra, que distribuem tanto carinho e força nesta nova jornada.

E ao fim agradeço a mim mesma, por enfrentar o medo do desconhecido e seguir em frente, por todo momento em que fui resiliente e não desisti.

Ao fim, tudo foi por amor!

"A amizade é o solo onde muitas das sementes do amor verdadeiro são plantadas. A prática da amizade fortalece a nossa capacidade de sermos gentis e compassivos com os outros."
Bell Hooks: Tudo sobre o Amor

Resumo

Objetivo: Dado que a pandemia por COVID-19 se revelou uma crise acidental com impacto significativo ao nível das dinâmicas familiares, esta investigação teve como principal objetivo analisar a perceção do impacto da utilização das TIC e da resiliência familiar nas famílias portuguesas com filhos adolescentes, nesta fase pandémica.

Metodologia: Nesta investigação participaram 252 indivíduos, divididos em dois grupos, adolescentes n = 132, com idade entre os 12 e 18 anos e pais n = 120, com idades entre 32 e 55 anos. O protocolo é composto pelo questionário sociodemográfico e de dados familiares e avaliação da situação de COVID-19, o *Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ*) e a *Family Technology Adoption Scale (FTAIS*).

Resultados: Não foram observadas diferenças estatisticamente significativas na perceção do impacto das TIC na família entre pais e filhos. Contudo, os filhos do sexo masculino foram os que evidenciaram ter uma perceção mais favorável deste impacto durante a pandemia.
Em relação à resiliência familiar, esta foi percecionada de forma mais positiva quanto maior era a idade dos participantes. Os pais apresentaram uma perceção mais elevada da resiliência familiar do que os adolescentes, sendo particularmente evidente esta diferença na dimensão da comunicação e resolução de problemas. Foram os pais do sexo masculino quem percecionou a família como mais resiliente na dimensão sistema de crenças. No grupo de adolescentes a perceção da resiliência familiar mostrou-se mais elevada em famílias nucleares intactas e mais reduzida em famílias monoparentais. No grupo de pais, maiores rendimentos económicos mostraram-se diretamente relacionados com níveis mais elevados da resiliência familiar, sobretudo ao nível da comunicação e resolução de problemas.
Conclusão: Este estudo evidenciou algumas diferenças percecionadas por pais e filhos adolescentes relativamente aos impactos que a pandemia trouxe em contexto familiar, sobretudo no que toca às dificuldades sentidas, bem como às práticas utilizadas para lidar com esta situação de crise.
Palavras-chave: Resiliência familiar, Tecnologias, Ciclo de Vida Familiar com filhos Adolescentes.

Abstract

Objective: Given that the COVID-19 pandemic has proven to be an accidental crisis with a significant impact on family dynamics, the main objective of this research was to analyze the perception of the impact of ICT use and family resilience in Portuguese families with teenage children, during this pandemic phase.

Methodology: In this research participated 252 individuals, divided into two groups, adolescents n = 132, aged between 12 and 18 years old and parents n = 120, aged between 32 and 55 years old. The protocol consists of the sociodemographic and family data questionnaire and assessment of the COVID-19 situation, the *Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ)* and the *Family Technology Adoption Scale (FTAIS*).

Results: No statistically significant differences were observed in the perception of the impact of ICTs between parents and children. However, male children were those who showed a more favorable perception of this impact during the pandemic.

Regarding family resilience, this was perceived more positively the older the participants were. Parents had a higher perception of family resilience than adolescents, with this difference being particularly evident in the dimension of communication and problem-solving. Male parents perceived their families as more resilient in the dimension of belief systems. In the group of adolescents, the perception of family resilience was higher in intact nuclear families and lower in single-parent families. In the group of parents, higher economic income was directly related to higher levels of family resilience, especially in terms of communication and problem-solving.

Conclusion: This study highlighted some differences perceived by parents and adolescent children regarding the impacts that the pandemic has had on the family context, especially with regard to the difficulties experienced, as well as the practices used to deal with that crisis.

Keywords: Family resilience, Technologies, Family Life Cycle with Teenage Children.

Índice

Introdução 1

Método 7

Objetivo 7

Participantes 7

Procedimento 9

Instrumentos 9

1. Questionário sociodemográfico e de dados familiares 9

2. Family Technology Adoption Scale (FTAIS) 9

3. Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ) 10

Análise dos dados 11

Resultados 13

Perceção do impacto da utilização das TIC entre pais e adolescentes 13

Tabela 6 Descritiva do impacto das TIC – Pais e adolescentes 13

Tabela 7 Comparação FTAIS entre grupos - sexo 14

As dimensões da resiliência familiar e a perceção entre pais e adolescentes 14

Tabela 8 Descritivas da resiliência familiar – Pais e adolescentes 15

As variáveis sociodemográficas e as dimensões da resiliência familiar 15

Tabela 9 Dimensões WFRQ – faixa etária 15

Tabela 10 Dimensões WFRQ – sexo 16

Tabela 11 Dimensões WFRQ – tipologia familiar 17

Tabela 12 Dimensões WFRQ – rendimentos 18

Tabela 13 Dimensões WFRQ – horas em família 19

Narrativa pais e adolescentes face à pandemia de COVID-19 19

Discussão dos resultados 20

Conclusão 23

Referências Bibliográficas 25

Introdução

Nas últimas duas décadas, houve um aumento da utilização da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), passando esta a fazer parte integral da vida familiar contemporânea (Bacigualupe et. al. 2014; Bacigualupe & Lambe, 2011; Carvalho et al., 2017).

O Instituto Nacional de Estatística (INE), publicou um inquérito sobre a utilização da TIC pelas famílias portuguesas, o qual pontua que 89% dos agregados domésticos têm acesso à internet em casa, sendo que 85,8% possuem ligação por banda larga. Sobre as ligações à internet 83,8% utilizam as tecnologias fixas e 49,5% as tecnologias móveis, sendo que as famílias com crianças têm um acesso elevado sobre a internet fixa de 95,7% e na utilização de internet móvel com 60,7%. (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2023).

Os jovens entre 16 aos 24 anos e as pessoas em contexto de estudos, todos utilizam a internet. Entre os adultos dos 25 aos 54 anos a taxa de utilização supera os 90%. Dos que têm ensino superior 98,8% utilizam a internet, os de ensino secundário 98,1%, sendo que os indivíduos empregados representam 94,7%. As famílias com crianças até 15 anos, superam as taxas de acesso à internet 98,5% e no acesso em banda larga 96,7% (INE, 2023)

Antes da pandemia de COVID-19, Portugal estava em recuperação da crise económica anterior, com Produto Interno Bruto (PIB) em crescimento e um aumento da taxa de emprego. Os indicadores económicos e sociais apontavam para uma melhoria dos níveis de bem-estar das famílias e uma redução das desigualdades. Porém, este crescimento foi suspenso com a chegada da pandemia, assim o governo centralizou as medidas de contenção e mitigação com os primeiros impactos identificados (Correia, 2020).

As famílias sofreram impactos significativos com a pandemia, na área económica, saúde, educação, social e diante da desigualdade de género. Os impactos incidiram de forma diferente entre as famílias portuguesas, atingindo principalmente as mais vulneráveis, com crianças, monoparentais e as atingidas pelo desemprego (Correia, 2020).

Diante dos jovens portugueses, os impactos significativos foram na vida social e nas relações de amizade. Apesar da perda de contatos e a diminuição das competências interpessoais, surgem como ponto positivo a valorização da amizade, fortalecimento de relações e oportunidade para o crescimento pessoal.

A rotina foi pontuada pelos jovens como monótona com baixa produtividade, devido a procrastinação, assim como o aumento dos conflitos familiares e a preocupação com a violência doméstica.

Houve também aumento de atividades de desenvolvimento pessoal e convivência familiar. Sobre a saúde, surgiram relatos de sintomas físicos e psicológicos, como dores de

cabeça, ansiedade e depressão, além da alteração no sono, peso e alimentação (Branquinnho et al., 2020).

Tecnologias da Informação e Comunicação

A Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) nasce a partir da revolução digital e do desenvolvimento e avanço da indústria (Carvalho, 2022).

O período que compreende as Revoluções Industriais marca o desenvolvimento da civilização humana sobre os avanços tecnológicos, novas indústrias e a atualização produtiva.

A Primeira Revolução Industrial ocorreu no período entre 1760 e 1820 – 1840 que marcou a transição da produção artesanal para as máquinas (Carvalho, 2022).

Durante a Segunda Revolução Industrial decorreu uma continuidade da Primeira Revolução, porém com características distintas como o papel da ciência e dos laboratórios de pesquisa. Este período também marca o avanço da produção em massa e dos processos automatizados, que aconteceu entre 1850-1870 até o fim da Segunda Guerra Mundial (Dathein, 2003).

A Terceira Revolução Industrial foi designada como Revolução Digital, dividida em três situações importantes que ocorreram através das mudanças dos sinais analógicos pelos digitais e com o advento do computador, os computadores pessoais no início dos anos 80 e o desenvolvimento da 'internet' nos anos 90 (Carvalho, 2022; OCDE, 2019).

Em 2014 Klaus Schwab sinaliza a Quarta Revolução que se desenvolve através da evolução das indústrias com as novas técnicas de produção de sistemas inteligentes, caracterizada pela integração das tecnologias digitais avançadas (e.g., inteligência artificial, *big data* e impressão 3D), que consiste em criar sistemas de produção mais eficientes, flexíveis e inteligentes, em que envolve interconexão de máquinas, coleta de análises de grande volume de dados em tempo real e a autonomia dos sistemas (Carvalho, 2022)

Esses avanços tecnológicos permitiram uma maior interação online da sociedade (Stafford & Hillyer, 2012; Carvalho, 2022). A emergência quotidiana do cenário online através dos *smartphones, tablets, notebooks*, entre outros dispositivos associados ao uso das redes sociais, resultaram na adoção de novos padrões de utilização das multitecnologias de comunicação (e.g., multitarefa online, multicomunicação e a conectividade contínua), o que provocou grandes modificações na vida relacional e comunicacional das pessoas (Carvalho, 2022; Chin et al., 2019; Mesch & Talmud, 2007; Stafford & Hillyer, 2012; Zhong, 2013).

Assim, as novas interações sociais provenientes do avanço das TIC trazem uma nova era de transformação na maneira como vivemos, trabalhamos e relacionamo-nos (Carvalho, 2022).

A pandemia COVID-19

Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, foi emitido um alerta sobre uma nova estirpe de coronavírus entre os seres humanos. Em janeiro de 2020, este vírus estava espalhado por toda a parte na Europa. Identificado como um novo tipo, o SARS-COV causa síndrome respiratória aguda e em fevereiro de 2020 recebeu o nome de SARS-COV$_2$ responsável pela doença COVID-19, sendo declarado pela Organização Mundial de Saúde como emergência de saúde pública de importância internacional (OPAS, 2020).

Em Portugal, o primeiro caso foi sinalizado em 2 de março de 2020 multiplicando-se nas semanas seguintes. No dia 18 de março foi declarado o estado de emergência em todo o país, levando a população de Portugal ao confinamento compulsivo, que restringe os direitos, liberdades e garantias individuais (Correia, 2020).

Estas medidas protetivas diante do vírus da COVID-19, estenderam-se por todos os países, afetando a vida das pessoas, causando impacto na economia, na saúde, na educação, alterando os funcionamentos das instituições e o comportamento humano e sua rotina.

Surgiu assim uma "nova normalidade" que acarretou mudanças de valores e normas com consequências nas relações humanas e no que concerne a parte afetiva e cognitiva de cada um (Correia, 2020).

Em situações de crises locais e de curta duração, a rotina pode voltar ao seu estado normal, gradualmente. Porém, a pandemia de COVID-19 apresentou no seu trajeto uma imprevisibilidade que causou sofrimento contínuo e coletivo nas famílias. Este momento pandémico gerou perdas simbólicas e significativas, agravando o sofrimento e a vulnerabilidade familiar (Walsh, 2020).

Esta imprevisibilidade diante da pandemia de COVID-19, alterou significativamente as relações intrafamiliares, extrafamiliares e individuais. Ocorreram mudanças no ciclo de vida familiar diante dos eventos significativos, que passaram por transformações e adaptações, indo de encontro as TIC, através do uso de plataformas online para eventos, teletrabalhos e ensino à distância (Imber-Black, 2020).

Ciclo de vida familiar e adolescência

A teoria do ciclo de vida familiar, segundo Froma Walsh (2016), é baseada sobre as mudanças normativas e não normativas que perpassam as famílias, desde a formação até a sua dissociação. As famílias vivem em transições e desenvolvimentos ao longo da sua existência, que afetam os papéis dos membros da família, as dinâmicas familiares e as relações interpessoais (Walsh, 2016).

Contudo, é preciso destacar a importância de apoiar e compreender os diferentes estágios de desenvolvimento dos membros e da família e cada fase traz oportunidades e desafios únicos. Com isso, é preciso enfatizar sobre a necessidade da resiliência e assim passar por adaptações para lidar com as mudanças inevitáveis que ocorrem ao longo do ciclo de vida familiar (Walsh, 2016).

Carter e McGoldrick (2011), descrevem sobre a estrutura, os estágios do ciclo de vida familiar e sobre a importância de entender como as famílias enfrentam as transições entre esses estágios. Os estágios apresentados por Carter e McGoldrick (2011) são: família jovem, famílias com filhos em idade pré-escolar, família com filhos em idade escolar, família com adolescentes, família com jovens adultos e família tardia.

Todas as famílias enfrentam transições e desafios em qualquer estágio do ciclo de vida familiar. O importante para o funcionamento saudável é a adaptação às mudanças, mas é preciso compreender a influência de fatores culturais, étnicos e sociais diante destas experiências.

As famílias com adolescentes são marcadas pela busca do adolescente por autonomia, dando início aos conflitos familiares, que ocorrem quando busca estabelecer a sua própria identidade. Neste período, os pais enfrentam desafios em equilibrar a autonomia dos filhos, com a supervisão e orientação necessária (Carter & McGoldrick, 2011).

A fase da adolescência, sob a perspetiva dos desafios e das dinâmicas familiares abordada por Relvas (1996), apresenta pontos importantes como as etapas de desenvolvimentos dos adolescentes, que abrange as complexidades em torno das relações familiares nesta fase.

Esta fase é marcada por um período significativo de transição com desafios emocionais, comportamentais e relacionais, em que muitos desses momentos a comunicação se faz necessária. Porém é preciso eficácia nesta comunicação, já que a falta ou falha desta comunicação pode gerar a não compreensão entre pais e filhos, instalando o conflito mútuo (Relvas, 1996).

É nesta etapa de vida em que ocorre a busca pela independência e autonomia, assim é preciso uma adaptação parental com a orientação e limites dos pais. Para esta mudança e adaptação parental ocorrer, depende de como os pais relacionam-se e comunicam-se com os filhos.

Os laços afetivos entre pais e filhos se estabelecem através da construção e o fortalecimento dos vínculos emocionais, assim com o apoio do desenvolvimento saudável dos filhos, assumindo-se como momentos essenciais para o bem-estar emocional dos adolescentes (Relvas, 1996).O período da adolescência é uma fase de transição entre a infância e a vida

adulta, assim a definição de idade para esta etapa de vida pode variar conforme contexto social, cultural e individual.

Em Portugal, a definição de adolescência provavelmente surgiu com a institucionalização da escola primária ocorrida entre 1826 e 1853, em que as crianças saem do campo de trabalho e vão a escola. No século XX estudos sobre a adolescência surgem demonstrando a diferença entre as fases da adolescência, a infância e a adulta. Nos dias atuais, os campos da psicologia e da psiquiatria trazem estudos que esta fase não é de crise em sua totalidade (Sampaio, 2018).

Em algumas culturas ocidentais, a faixa etária para a adolescência é percebida entre os 10 e os 19 anos, porém para definir uma faixa etária para este estudo, abrangendo toda a complexidade desta etapa foi definido entre os 12 e 18 anos (Carter & McGoldrick, 2011; Sampaio, 2018).

Neste período há mudanças complexas no campo psicológico, emocionais e sociais. É preciso compreender o adolescente na sua totalidade, reconhecer os desafios e oportunidades enfrentadas nesta importante etapa de desenvolvimento vida (Alarcão, 2000).

Segundo Coslin (2009), o desenvolvimento físico e psicológico nesta etapa de vida inclui o desenvolvimento sexual, em que as mudanças corporais e hormonais afetam a identidade dos adolescentes. Ocorrem também as mudanças no pensamento e cognição, no qual o pensamento abstrato se desenvolve, bem como a capacidade de raciocínio moral e vai-se a formar a identidade pessoal.

A parte emocional e social ocorre através da busca por independência, das relações com os pares, da influência dos pais, da pressão dos grupos sociais. Para compreender este momento é preciso considerar o contexto em que o adolescente está inserido (Alarcão, 2000).

Os adolescentes enfrentam riscos e desafios durante o seu desenvolvimento, entre os quais podemos incluir o acesso as drogas e álcool, comportamentos de riscos, problemas de saúde mental, distúrbios alimentares e *bullying* (Coslin, 2009).

Diante da pandemia de COVID-19, os adolescentes que passaram pelo processo de confinamento através do encerramento escolar, foram submetidos ao ensino online, sofreram impacto na saúde física e mental, processo de desenvolvimento e bem-estar emocional.

Porém, os adolescentes adotaram como estratégia de *coping* uma comunicação quotidiana com os amigos e familiares, a reorganização de rotinas e horários e o desenvolvimento de atividades envolventes, mantendo assim o otimismo (Branquinho et al., 2020).

Resiliência familiar

Resiliência familiar é a capacidade adaptativa da família sobreviver às adversidades e desafios durante o seu percurso familiar. Toda família enfrenta momentos de stress e crises ao longo do tempo, contudo é preciso conseguir lidar com esses desafios de maneira eficaz e saudável (Walsh, 2016).

Passar pelo processo de resiliência familiar é experienciar processos sistémicos dinâmicos e multiníveis diante da crise durante o decorrer do tempo (Walsh, 2016).

A experiência de vida e a resiliência humana na família fornecem informações essenciais sobre como enfrentar barreiras e superar tensões. A resiliência familiar foca-se no risco e na resiliência da família como uma unidade funcional. O impacto das crises sérias e adversidades persistentes, direcionam à adaptação dos membros e as suas relações, pois o acúmulo de estresse pode comprometer o funcionamento familiar (Walsh, 2023).

Froma Walsh (2016) descreve que as famílias passam por processos dinâmicos que demonstram pontos fortes e recursos próprios. Estes processos permitem que a família aumente a resiliência familiar atuando de maneira interventiva e preventiva. Para tanto, é preciso que a família reconheça e ative seus pontos fortes. Assim, a autora estrutura as três dimensões da resiliência familiar: o sistema de crenças, os padrões organizacionais e comunicação e a resolução de problemas.

O *sistema de crenças* está relacionado a como os membros da família utilizam de crenças multigeracionais, espirituais e culturais para enfrentar as adversidades de maneira positiva. Estas crenças são fundamentais para a resiliência familiar, por ajudarem a mitigar o impacto de crises e promover uma abordagem adaptativa.

Os *padrões organizacionais* abordam a flexibilidade, a conectividade e os recursos sociais e económicos que as famílias utilizam para enfrentar os desafios da vida. Estes padrões fortalecem a estrutura familiar, permitindo uma resposta eficaz as adversidades e promovendo a estabilidade e coesão entre os membros.

Na *comunicação e resolução de problemas*, o enfoque é na importância de clarificar informações em situações de crises, partilhar sentimentos e decisões, fomentar a colaboração na resolução de problemas. A comunicação eficaz é essencial para a coordenação das ações e para a manutenção da unidade familiar em momentos críticos.

Durante a pandemia de COVID-19, através da quarentena, as famílias vivenciaram momentos peculiares como o afastamento social e vários tipos de stress, em que o isolamento social produziu instabilidade psicológica e disfuncionais, apresentando consequências a curto e longo prazo sobre a saúde mental. Contudo, as resiliências em uma família fortalecida através

da resiliência familiar, consolidam habilidades para enfrentar os desafios e as crises (Walsh, 2020).

Podemos apontar como exemplo o estudo realizado por Santos (2022), no qual participaram 1768 indivíduos com o propósito de analisar a perceção que os pais e os filhos experienciaram do funcionamento e resiliência familiar na pandemia de COVID-19. Através dos resultados, foram evidenciados que durante este período, os pais percecionaram a sua família como sendo mais funcional e mais resiliente, comparativamente aos filhos.

Método

A metodologia utilizada neste estudo foi mista com o objetivo de explorar a amplitude (quantitativa), mas também a profundidade (qualitativa) da questão em análise. A recolha de dados ocorreu ao mesmo tempo, com a análise quantitativa e análise qualitativa a ocorrer de forma integrada.

Objetivo

Dado que a pandemia por COVID-19 se revelou uma crise acidental com impacto significativo ao nível das dinâmicas familiares, esta investigação teve como principal objetivo analisar a perceção do impacto da utilização das TIC e da resiliência familiar nas famílias portuguesas com filhos adolescentes, nesta fase pandémica.

Pretende-se igualmente como objetivos específicos:

(a) Analisar a perceção de pais e adolescentes relativamente à resiliência familiar e ao impacto da utilização das TIC na família durante o período de pandemia por COVID-19.

(b) Avaliar a perceção de pais e adolescentes relativamente à perceção da resiliência familiar e do impacto das TIC na família em função das variáveis sociodemográficas no período de pandemia por COVID-19;

(c) Explorar, na perspetiva de pais e filhos os impactos, as crenças familiares e as mudanças que ocorreram no contexto familiar, de famílias com filhos adolescentes, neste período de crise pandémica.

Participantes

Participaram do estudo 252 indivíduos, aquando da recolha da amostra 52,4% adolescentes e 47,6% pais com filhos na fase da adolescência.

Entre os pais participantes, a maioria eram do sexo feminino (80,8%), com idades compreendidas entre os 32 e 55 anos. A maioria dos pais apresentaram formação familiar nuclear intacta (82,5%), sendo casados (71,7%) e com dois filhos (57,5%). A maioria possuía

a licenciatura (45%), eram trabalhadores (92,5%), com salário entre 1000€ a 3000€ (66,7%) a residir em contexto urbano (53,3%).

No que se referiu aos adolescentes a maioria eram do sexo feminino (68,9%), com idades compreendidas entre 12 e 18 anos, viviam em uma família nuclear intacta (71,2%), a residir em contexto urbano (41,7%), sendo estudantes (98,5%) e a maioria estava no 3º ciclo do ensino básico (62,9%). A Tabela 1 apresenta a caracterização sociodemográficas dos pais e adolescentes participantes

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica dos Pais (n = 120) e Adolescentes (n= 132)

Variável	Pais		Adolescentes	
	n	%	n	%
Sexo				
Masculino	23	19,2	41	31,1
Feminino	97	80,8	91	68,9
Habilitação literária				
Sabe ler e escrever (sem grau de ensino)			2	1,5
2º Ciclo do Ensino Básico			24	18,2
3º Ciclo do Ensino Básico	8	6,7	83	62,9
Ensino secundário	39	32,5	23	17,4
Licenciatura	54	45,0		
Mestrado	11	9,2		
Doutoramento	8	6,7		
Estado Civil				
Solteiro/a	3	2,5	132	100
União de facto	12	10		
Casado(a)	86	71,7		
Divorciado(a)	14	11,7		
Recasado/a Reunião de facto	5	4,2		
Situação Profissional				
Estudante	1	8,0	130	98,5
Trabalhador – estudante	3	2,5	2	1,5
Trabalhador (a)	111	92,5		
Desempregado/a	5	4,2		
Rendimento				
Até 1000€	16	13,4	38	28,8
Entre 1000€ e 3000€	80	66,7	54	40,9
Mais de 3000€	24	20,0	40	30,3
Meio de residência				
Cidade	64	53,3	55	41,7
Vila	30	25,0	35	26,5
Aldeia	26	21,7	42	31,8
Tipologia familiar				
Família nuclear intacta	99	82,5	94	71,2
Família nuclear alargada	2	1,70	14	10,6
Família monoparental	16	13,3	17	12,9
Família reconstituída	3	2,5	7	5,3
Filho ou irmãos				
Não tem			103	78
1 filho(a) / irmão (ã)	37	30,8	13	9,8
2 filhos (as) / irmãos (ãs)	69	57,5	16	12,2
3 filhos ou mais (as) irmãos	14	11,7		

Nota. n = número de sujeitos da amostra, % = percentagem.

Procedimento

O presente estudo intitulado "*O uso das tecnologias e a resiliência familiar, entre pais e filhos na fase do ciclo de vida familiar da adolescência durante a pandemia de COVID-19*", foi realizado por uma equipa de investigadores do Instituto Superior Miguel Torga, em Coimbra.

A recolha de dados ocorreu entre dezembro de 2020 e junho de 2021, via *Google Forms*, sendo o estudo divulgado nas redes sociais (*Facebook, Instagram, Messenger e WhatsApp*). Um *link* para o questionário, que incluía os objetivos da pesquisa e o consentimento informado, garantindo participação confidencial e voluntária, foi compartilhado. A resposta ao questionário foi estimada entre 15 e 20 minutos.

Como critério de inclusão, foi definida a idade igual ou superior a 12 anos até aos 18 anos, sendo que aos menores de 18 anos foi solicitado o consentimento dos pais e/ou representantes legais para os pais o critério de inclusão foi que tivessem pelo menos um filho na fase da adolescência com idade entre 12 e 18 anos. O estudo foi aprovado pela Comissão de Ética do ISMT, cumprindo as normas éticas da Declaração de Helsínquia (WHO, 2004).

Instrumentos

O protocolo de investigação incluiu um questionário sociodemográfico e de dados familiares, a avaliação da situação de pandemia de COVID-19 e duas escalas de medidas.

1. Questionário sociodemográfico e de dados familiares e avaliação da situação de COVID-19

Questionário que avalia as variáveis sociodemográficos (como sexo e idade) e características familiares (como tipologia familiar) e dimensões relativas à situação pandémica por COVID-19 como o grau de preocupação em diferentes aspetos. Para a avaliação do questionário, foi feita a divisão das variáveis entre pais e adolescentes, uma vez que se trata de amostras independentes.

2. *Family Technology Adoption Scale (FTAIS)*

O questionário *Family Technology Adoption Scale* (*FTAIS*, Carvalho et al., 2022) foi adaptado para a população portuguesa, avaliando a perceção do impacto da utilização das TIC no contexto familiar. É composto por 10 itens, avaliando numa escala de *Likert* de cinco pontos de 1 = Concordo totalmente a 5 = Discordo totalmente. Cinco itens correspondem aos impactos negativos (e.g. "*As TIC reduzem o tempo passado em família*") e os outros cinco itens para os impactos positivos (e.g. *"As TIC promovem uma boa comunicação na família*").

Para o cálculo do questionário é preciso inverter a pontuação dos itens positivos, realizar a soma dos pontos positivos e negativos e para obter a média da escala dividir pelo número total de itens. Os resultados com valores mais elevados indicam uma perceção mais positiva do impacto das TIC nas famílias. Na versão traduzida para o português, apresentaram uma consistência interna razoável α = .70 (Carvalho et. al., 2022).

A Tabela, 2 apresenta a distribuição dos itens da escala *FTAIS* e seus respetivos impactos positivos e negativos.

Tabela 2

Distribuição dos itens da escala FTAIS pelos respetivos impactos

Impactos	**Itens**	**Nº total de itens**
Negativos	1,3,5,7,9	5
Positivos	2,4,6,8,10	5

A Tabela 3 evidencia a análise de avaliação da consistência interna, o *Alfa de Cronbach* dividido entre os grupos de pais e adolescentes. A consistência interna dos pais foi (α = 0,76), considerado um valor razoável, a análise da consistência interna dos adolescentes obteve o valor de (α = .67), sendo considerada baixa. A versão traduzida para o português, para uma consistência interna razoável foi de α = .70 (Carvalho et. al., 2022).

Tabela 3

Coeficiente da consistência interna da FTAIS – PT

Grupos	**α**
Pais	0,76
Adolescentes	0,67
Total	**0,72**

Nota: α = Alfa de Cronbach.

3. *Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ)*

A versão portuguesa *Walsh Family Resilience Questionnaire* (*WFRQ*, Lino, 2023), apresenta como objetivo a avaliação da resiliência familiar através das três dimensões – o *Sistema de Crenças*, os *Padrões Organizacionais* e a *Comunicação e Resolução de Problema*s.

A escala é composta por 32 questões, avaliadas numa escala *Likert* de 5 pontos, variando de 1 = raramente/nunca, 2 = poucas vezes, 3 = às vezes, 4 = frequentemente e 5 = quase sempre. Além dos 32 itens, o questionário inclui a pergunta "*Que crenças familiares e/ou práticas são*

especialmente úteis para lidar com a sua situação stressante?". A Tabela 4, refere-se à distribuição dos itens da escala WFRQ pelas respetivas dimensões.

Tabela 4

Distribuição dos itens da escala WFRQ pelas respetivas dimensões

Dimensões	**itens**	**Nº total de itens**
Sistema de crenças	1,2,3,4,5,6,7,9,15,16, 17,18,24,25,26,29	16
Padrões Organizacionais	8,10,11,12,13,14, 27, 28,30,31	10
Comunicação e Resolução de Problemas	19,20,21,22,23,32	6

Para a análise da consistência interna da escala total para as três dimensões da *WFRQ*, foi elaborado o cálculo dos coeficientes da consistência interna para os pais de (*α = 0,77; 0,90 e 0,95)* e para os adolescentes com valores (*α = 0,87; 0,92 e 0,96),* o que significa uma boa consistência interna. Os valores obtidos na versão traduzida para o português, apresentaram uma consistência interna acima de 0,7, o que indica uma boa consistência interna (Lino, 2023).

Tabela 5

Coeficiente da consistência interna das dimensões da WFRQ

	Pais	**Adolescentes**
Dimensões	**α**	**α**
Sistema de crenças	0,95	0,96
Padrões Organizacionais	0,90	0,92
Comunicação e Resolução de Problemas	0,77	0,87
Total	**0,96**	**0,98**

Nota: α = Alfa de Cronbach.

Análise de dados

Para a análise estatística dos dados foi utilizado o *Statistical Package for the Social Sciences* (IBM SPSS, versão 29). Os procedimentos estatísticos foram selecionados em função dos objetivos do estudo e das características específicas das variáveis analisadas.

Primeiramente, foi conduzida uma análise descritiva dos dados, organizados de forma distinta para o grupo dos pais e adolescentes, com enfase nas frequências absoluta *(n*) e relativa (*%*) das variáveis qualitativas, sobre a média (*M*), o desvio padrão (*DP*) os valores de assimetria (*si*) e curtose (*cu*).

Diante da análise de assimetria e curtose, foi utilizado os critérios de Field (2013), que considera uma amostra normal entre -2 e +2, para alguns casos, embora os valores próximo a 0 seja o ideal. Posto isto os valores analisados sobre a Assimetria e Curtose, apesar de a distribuição dos dados não seja perfeitamente normal, está próxima à normalidade, diante a escala da FTAIS (Pais *si* = 0,04, *cu* = 0,54) e (Adolescentes si = 0,28, cu = 0,19).

Para as dimensões da resiliência familiar no Sistemas de Crenças (Pais: si = -0,92 e cu = 1,35) e (Adolescentes si = -0,72 e cu = 0,42), para os Padrões Organizacionais (Pais: si = -0,93 e cu = 1,55) e (Adolescentes si = -0,80 e cu = 0,81) e para Comunicação e Resolução de Problemas (Pais: si = -0,42 e cu = 0,59) e (Adolescentes si = -0,65 e cu = 0,20).

Com o intuito de analisar as diferenças nas médias das dimensões da resiliência familiar, o sistema de crenças, os padrões organizacionais e a comunicação e resolução de problemas e o impacto da utilização das TIC no contexto familiar entre adultos e adolescentes, foi realizado o *teste t* para amostras independentes.

Para todas as análises bivariadas, a normalidade dos dados foi verificada através do *teste de Shapiro-Wilk*, enquanto o *teste de Levene* foi utilizado para avaliar o pressuposto de homogeneidade das variâncias.

Quando os pressupostos de normalidade e homogeneidade foram violados, utilizou-se da reamostragem (*bootstrap*) com 1.000 iterações para aumentar a confiabilidade dos resultados (Efron, 1979). O coeficiente de tamanho de efeito adotado foi o eta parcial ao quadrado (η^2p), pois isola os efeitos da variável de interesse, controlando outras variáveis (Keppel, 1991). As somas dos quadrados tipo III foram usadas para o ajuste do modelo, e o *teste post-hoc* escolhido foi o de *Tukey* para variâncias homogêneas e *Games-Howell* para variâncias heterogêneas.

Nos casos em que os pressupostos de homogeneidade e normalidade foram atendidos, utilizou-se o teste *t de Student* e para o tamanho do efeito foi calculado utilizando o *d de Cohen*. Caso contrário, optou-se pelo *teste U de Mann-Whitney*, devido ao seu desempenho superior nessas condições e para tamanho de efeito foi utilizado o coeficiente de correlação ponto-bisserial (Cohen, 1988; Dowdy et al., 2004; Wendt, 1972).

Para analisar as diferenças entre a perceção de pais e adolescentes, sobre o impacto da utilização das TIC e das três dimensões da resiliência familiar, foram realizadas Análises de Variância Fatorial (ANOVA Fatorial), com modelos 2x2, 2x3 e 2x4. Nessas análises, cruzou-se a variável de agrupamento "adolescentes e adultos" com variáveis de agrupamento sociodemográficas.

Através de uma análise de conteúdo baseada nos processos familiares chave de Froma Walsh (2016; 2020), foram explorados os impactos, as crenças familiares e as mudanças que

ocorreram nas famílias com filhos adolescentes para lidarem com as circunstâncias de vida a que foram expostas durante o período de crise pandémica.

Para a análise descritiva desse conteúdo, foi utilizado como base duas questões apresentadas no questionário sociodemográfico; "Refira os principais impactos que a pandemia está a ter na sua vida" e "Que crenças familiares e/ou práticas são especialmente úteis para lidar com a sua situação stressante?".

Resultados

Perceção do impacto da utilização das TIC entre pais e adolescentes

Perante a perceção do impacto da utilização das TIC entre pais e adolescentes, foi realizado um teste *t de Student*. O pressuposto de normalidade dos dados foi confirmado pelo teste de *Shapiro-Wilk* (W = 0,991; p = 0,133) e a homogeneidade de variâncias, por meio do teste de *Levene* (F (1, 250) = 0,526; p = 0,469).

Os resultados (t (250) = 1,42; p = 0,156) demonstraram que não houve diferença estatisticamente significativa entre as médias dos adolescentes (n = 132; M = 3,17; DP = 0,494) e dos pais (n = 120; M = 3,07; DP = 0,538), conforme observado na Tabela 9. Além disso, o tamanho do efeito obtido foi reduzido (*d de Cohen* = 0,179).

Tabela 6

Descritiva do impacto das TIC – Pais (n = 120) e Adolescentes (n = 132)

	Adolescente		Pais		t (250)	p	d de Cohen
	M	***DP***	***M***	***DP***			
Impacto das TIC no contexto familiar	3,17	0,494	3,07	0,538	1,42	0,1562	0,179

Nota. M = Média; DP = Desvio padrão; t = Teste t de Student; p = significância.

A ANOVA foi utilizada para examinar se as diferenças de médias dos escores do impacto da utilização das TIC, separados por pais e adolescentes, apresentaram variações em função das variáveis sociodemográficas cruzadas: sexo, idade, tipologia de familiar, categorias de rendimento, preocupação pessoal e familiar em relação à COVID-19.

Contudo, o único cruzamento significativo com a variável categórica de pais e adolescentes foi observado na variável sexo (F(1, 248) = 11,086; p < 0,001), que apresentou um tamanho de efeito moderado (η^2p = 0,043).

As categorias de participantes que demonstraram diferenças estatisticamente significativas nas médias foram os homens adolescentes (n = 41; M = 3,32; DP = 0,57) e os homens pais (n = 23; M = 2,85; DP = 0,47), com uma diferença média significativa (t(248) =

3,58; $p < 0,01$) e um tamanho de efeito elevado (*d* de Cohen = 0,933), como pode ser visto na Tabela 7.

Esses resultados indicam que a perceção do impacto das TIC no contexto familiar varia consideravelmente entre pais e adolescentes do sexo masculino. Os adolescentes pontuaram mais positivamente o impacto do uso das TIC.

Tabela 7

Comparação FTAIS entre grupos - sexo – Pais (n = 120) e Adolescentes (n = 132)

Grupos comparados	M	E P	*q*	*d* de Cohen
Pais (Feminino vs Masculino)	0,27	0,11	-2,33	-0,54
Adolescentes (Feminino vs Masculino)	0,22	0,09	2,40	0,45
Adolescentes Feminino vs Pais feminino	-0,03	0,07	-0,42	-0,06
Adolescentes Feminino vs Pais Masculino	0,24	0,11	2,06	-0,48
Adolescentes Masculino vs Pais Feminino	0,19	0,09	2,09	0,39
Adolescentes Masculino vs Pais Masculinoo	0,47	0,13	3,58**	0,93

Nota: M = Média*; EP* = Erro padrão*; q* teste de Tukey ***p < 0,01*

As dimensões da resiliência familiar e a perceção entre pais e adolescentes

Para investigar se as dimensões relativas à resiliência familiar apresentaram valores distintos entre os grupos de pais e adolescentes, realizou-se três *testes t* para amostras independentes. Entretanto, nenhum dos fatores atendeu os pressupostos.

Logo, procedeu-se ao *teste U* de *Mann-Whitney*, que indicou que há diferença significativa entre adolescentes (n = 132) e pais (n = 120) quando avaliados a partir de todos as dimensões.

A Tabela 8 aponta que os adolescentes (M = 3,71; DP = 0,862) obtiveram menores pontuações no sistema de crenças em comparação aos pais (M = 4,25; DP = 0,609), com uma diferença estatisticamente significativa (U = 4963; p < 0,001) e um tamanho de efeito baixo (r = 0,373). De forma análoga, os adolescentes (M = 3,68; DP = 0,829) também apresentaram pontuações inferiores aos pais (M = 4,16; DP = 0,606) na dimensão de padrões organizacionais (U = 5196; $p < 0,001$) com pequena dimensão do efeito (r = 0,344).

Na dimensão de comunicação e resolução de problemas, os pais (M = 3,92; DP = 0,676) novamente superaram os adolescentes (M = 3,65; DP = 0,866), com uma diferença significativa (U = 6655; $p < 0,05$), embora o tamanho do efeito tenha sido considerado reduzido (r = 0,16).

Tabela 8

Descritivas da resiliência familiar – Pais (n = 120) e Adolescentes (n = 132)

Dimensões de resiliência familiar	Adolescente		Pais		*U*	*p*	*r*
	M	*DP*	*M*	*DP*			
Sistema de Crenças	3,71	0,862	4,25	0,609	4963	<0,001	0,373
Padrões Organizacionais	3,68	0,829	4,16	0,606	5196	<0,001	0,344
Comunicação e Solução de Problemas	3,65	0,866	3,92	0,676	6655	0,028	0,160

Nota.:n = número de participantes; M = Média; DP = Desvio padrão; *r* = Coeficiente de correlação ponto-bisserial; *U* = Teste U; *p* = *Significância*.

As variáveis sociodemográficas e as dimensões da resiliência familiar

Para análise estatística, a Anova foi aplicada para examinar se as diferenças de médias das dimensões do WFRQ, separados por grupos de adultos e adolescentes que apresentaram variações em função das variáveis sociodemográficas: sexo, idade, tipologia de familiar, categorias de rendimento, preocupação pessoal e familiar em relação à COVID-19.

Na tabela 9 encontramos valores significativos ($p \leq 0,05$), nas três dimensões da resiliência familiar, onde nota-se um crescimento na perceção da resiliência quem apresenta idade mais elevada.

Entre os adolescentes o sistema de crenças foi o que representou a maior perceção (*M* = 3,71), também os adultos com idades compreendidas entre os 32 e os 44 anos (*M* = 4,18) e os adultos com idades compreendidas entre os 45 e os 55 anos (*M* = 4,33).

Tabela 9

Dimensões WFRQ – faixa etária e grupos Pais (n = 120) e Adolescentes (n = 132)

	WFRQ					
	Sistema de Crenças		Padrões Organizacionais		Com. Res. Problemas	
Faixa etária	***M***	***DP***	***M***	***DP***	***M***	*DP*
Adolescente 12-18 anos (n=132)	3,71	0,86	3,68	0,83	3,65	0,87
Adulto 32-44 anos (n=71)	4,19	0,64	4,13	0,64	3,89	0,70
Adulto 45-55 anos (n=49)	4,33	0,56	4,20	0,55	3,96	0,64
F	**16,339**	***	**13,343**	***	**3,806**	*
Comparação múltipla	1vs2	***	1vs2	***	1vs2	-
	1vs3	***	1vs3	***	1vs3	*
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-

Nota: n = número de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; WFRQ = Questionário de Resiliência Familiar de Walsh 1 = Adolescente 12-18 anos; 2 = Adultos 32-44 anos; 3 = Adultos 45-55 anos. * p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001; NS = Não significativo

Os pais apresentaram uma maior perceção da resiliência familiar em comparação com os adolescentes. Os pais do *sexo masculino* percecionaram a família como mais resiliente na dimensão *Sistema de Crenças* (*M* = 4,26). Os pais do *sexo feminino* percecionaram uma maior resiliência na dimensão *Padrões Organizacionais* (*M* = 4,17) e também à dimensão da *Comunicação e Resolução de Problemas* (*M* = 3,94).

Diante das diferenças entre grupos, os pais do *sexo masculino* percecionam uma resiliência maior na família. No grupo dos adolescentes, os do *sexo masculino* são os que menos percecionaram a resiliência familiar. Não sendo apresentadas diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$).

Tabela 10

Dimensões WFRQ – sexo – Pais (n = 120) e Adolescentes (n = 132)

	WFRQ					
Grupo: Adolescentes	**Sistema de Crenças**		**Padrões Organizacionais**		**Com. Res. Problemas**	
Sexo	M	DP	M	DP	M	DP
Masculino (n=41)	3,72	0,79	3,67	0,77	3,66	0,76
Feminino (n=91)	3,71	0,90	3,69	0,86	3,65	0,91
F	**0,000**	**NS**	**0,009**	**NS**	**0,003**	**NS**

	WFRQ					
Grupo: Adultos	**Sistema de Crenças**		**Padrões Organizacionais**		**Com. Res. Problemas**	
Sexo	M	DP	M	DP	M	DP
Masculino (n=23)	4,26	0,56	4,13	0,55	3,83	0,61
Feminino (n=97)	4,24	0,62	4,17	0,62	3,94	0,69
F	**0,006**	**NS**	**0,080**	**NS**	**0,556**	**NS**

Nota: n = número de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; WFRQ = Questionário de Resiliência Familiar de Walsh * p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001; NS = Não significativo

Observa-se na Tabela 11, que foram encontrados valores significativos nas três dimensões para a variável sociodemográfica Tipologia Familiar, porém somente no grupo dos adolescentes.

As famílias com tipologia nuclear intacta apresentaram as maiores médias diante de todas as dimensões ($M_{sistema\ de\ crenças}$ = 3,81; $M_{padrões\ organizacionais}$ = 3,76; $M_{comunicação\ e\ resolução\ de\ problemas}$ = 3,73).

Contudo as famílias monoparentais apresentaram perceção mais reduzida face à resiliência familiar ($M_{sistema\ de\ crenças}$ = 3,16; $M_{padrões\ organizacionais}$ = 3,19; $M_{comunicação\ e\ resolução\ de\ problemas}$ = 3,11).

Tabela 11

Dimensões WFRQ – tipologia familiar – Pais (n = 120) e Adolescentes (n = 132)

Grupo: Adolescentes	**WFRQ**					
	Sistema de Crenças		**Padrões Organizacionais**		**Com. Res. Problemas**	
Tipologia familiar	***M***	***DP***	***M***	***DP***	***M***	***DP***
Família nuclear (n=108)	3,81	0,87	3,76	0,84	3,73	0,88
Família monoparental (n=17)	3,16	0,76	3,19	0,73	3,11	0,72
Família reconstituída (n=7)	3,61	0,33	3,69	0,45	3,71	0,50
F	**4,398** *		**3,653** *		**4,048** *	
Comparação múltipla	**1vs2**	*	**1vs2**	*	**1vs2**	*
	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-

Grupo: Adultos	**WFRQ**					
	Sistema de Crenças		**Padrões Organizacionais**		**Com. Res. Problemas**	
Tipologia familiar	***M***	***DP***	***M***	***DP***	***M***	***DP***
Família nuclear (n=101)	4,26	0,59	4,18	0,58	3,93	0,65
Família monoparental (n=16)	4,06	0,73	3,92	0,72	3,78	0,83
Família reconstituída (n=3)	4,75	0,17	4,63	0,32	4,28	0,67
F	**1,847** NS		**2,298** NS		**0,770** NS	
	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-
Comparação múltipla	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-

Nota: n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; WFRQ = Questionário de Resiliência Familiar de Walsh; 1 = Família nuclear (intacta e alargada); 2 = Família monoparental; 3 = Família reconstituída; * p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001; NS = Não significativo

Na tabela 12 observou-se que as famílias com menores rendimentos apresentaram baixa perceção da resiliência familiar na dimensão da *Comunicação e resolução de problemas* para os adolescentes (*M* = 3,36) e também para os pais (*M* = 3,53).

Entre os adolescentes, as faixas de maiores rendimentos não apresentaram diferenças significativas. Porém, entre os adultos na avaliação da dimensão *Comunicação e resolução de problemas*, evidenciaram um aumento significativo de acordo com o acréscimo da faixa de rendimento entre 1000€ e 2000€ (*M* = 3,85) e para quem recebe acima de 2000€ (*M* = 4,07).

Tabela 12

Dimensões WFRQ – rendimentos – Pais (n = 120) e Adolescentes (n = 132)

Grupo: Adolescentes			**WFRQ**			
	Sistema de Crenças		**Padrões Organizacionais**		**Com. Res. Problemas**	
Rendimentos	***M***	***DP***	***M***	***DP***	***M***	***DP***
Até 1000€ (n=38)	3,49	0,73	3,48	0,76	3,36	0,73
Entre 1000€ e 2000€ (n=54)	3,84	0,72	3,78	0,66	3,78	0,74
Acima de 2000€ (n=40)	3,76	1,10	3,74	1,05	3,75	1,07
F	**1,921** ^{NS}		**1,584** ^{NS}		**3,175** *	
Comparação múltipla	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-
	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-
Grupo: Pais			**WFRQ**			
	Sistema de Crenças		**Padrões Organizacionais**		**Com. Res. Problemas**	
Rendimentos	***M***	***DP***	***M***	***DP***	***M***	***DP***
Até 1000€ (n=16)	4,14	0,77	4,11	0,79	3,53	0,84
Entre 1000€ e 2000€ (n=42)	4,17	0,69	4,10	0,69	3,85	0,64
Acima de 2000€ (n=62)	4,33	0,49	4,21	0,49	4,07	0,62
F	**1,149** ^{NS}		**0,549** ^{NS}		**4,759** **	
Comparação múltipla	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-
	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-

Nota: n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; WFRQ = Questionário de Resiliência Familiar de Walsh; 1 = Até 1000€; 2 = Entre 1000€ e 2000€; 3 = Acima de 2000€; * p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001; NS = Não significativo*

A Tabela 13 evidencia valores significativos ($p \leq 0,05$), da variável horas em família durante a pandemia, com exceção na dimensão comunicação e resolução de problemas para o grupo de adultos.

Os adolescentes apresentaram baixa perceção da resiliência familiar quando passam menos tempo em família *($M_{sistema\ de\ crenças}$* = 3,08; *$M_{padrões\ organizacionais}$* = 3,05*; $M_{comunicação\ e\ resolução\ de\ problemas}$* = 3,14), assim como os adultos *($M_{sistema\ de\ crenças}$* = 3,96; *$M_{padrões\ organizacionais}$* = 3,92*; $M_{comunicação\ e\ resolução\ de\ problemas}$* = 3,81).

Tabela 13

Dimensões WFRQ – horas em família – Pais (n = 120) e Adolescentes (n = 132)

Grupo: Adolescentes	**WFRQ**					
	Sistema de Crenças		**Padrões Organizacionais**		**Com. Res. Problemas**	
Horas em família durante a pandemia	***M***	***DP***	***M***	***DP***	***M***	***DP***
Menos de 3h (n=22)	3,08	1,01	3,05	0,94	3,14	0,95
Entre 3h a 6h (n=46)	3,98	0,68	3,88	0,63	3,86	0,73
Mais de 6h (n=64)	3,74	0,83	3,75	0,82	3,68	0,87
F	**9,195** ***		**8,886** ***		**5,439** **	
Comparação múltipla	1vs2	***	1vs2	***	1vs2	**
	1vs3	**	1vs3	***	1vs3	*
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-
Grupo: Adultos	**WFRQ**					
	Sistema de Crenças		**Padrões Organizacionais**		**Com. Res. Problemas**	
Horas em família durante a pandemia	**M**	**DP**	**M**	**DP**	**M**	**DP**
Menos de 3h (n=9)	3,96	0,40	3,92	0,45	3,81	0,53
Entre 3h a 6h (n=37)	4,10	0,71	3,99	0,67	3,88	0,71
Mais de 6h (n=74)	4,36	0,55	4,27	0,57	3,95	0,68
F	**3,407** *		**3,648** *		**0,248** NS	
Comparação múltipla	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-
	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-
	2vs3	-	2vs3	*	2vs3	-

Nota: n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; WFRQ = Questionário de Resiliência Familiar de Walsh; 1 = Menos de 3h; 2 = Entre 3h a 6h; 3 = Mais de 6h. * p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001; NS = Não significativo

Narrativas pais e adolescentes face à pandemia de COVID-19

Diante dos discursos dos pais e adolescentes sobre as mudanças e práticas que ocorreram durante a pandemia, demonstraram evidências dos recursos individuais e familiares diante das três dimensões da resiliência familiar, que podem ser entendidas como estratégias de enfrentamento para momentos de crise, como foi a pandemia de COVID-19.

Assim as preocupações verbalizadas por pais adolescentes face às circunstâncias a que a pandemia os coloca são distintas. *"A pandemia impede-me de estar com os meus avós, impede-me de conviver com as pessoas sem sentir que as posso prejudicar e impede-me de me*

sentir em liberdade". "A minha mãe trabalha mais, não posso "bizitar" os meus avós "principalmente" a minha avó que está num lar". (adolescente).

A aulas foram interrompidas e, diante da imprevisibilidade de um retorno, as incertezas que emergiram durante este período elevaram a preocupação com o futuro e refletem no discurso direto de outro adolescente:

"A pandemia está a prejudicar imenso o meu percurso académico, pois devido a tal situação, o meu estágio encontra-se pendente. Isto é, quando mais tarde for para estágio mais tarde termino, causando assim uma impossibilidade em realizar os exames a tempo, para posteriormente poder me candidatar à universidade".

Já os pais centraram as suas preocupações em questões como saúde e segurança diante do vírus, na adaptação e qualidade ao ensino a distância, os impactos emocionais e na área da economia, como insegurança no emprego e perda de rendimentos. *"Receio do desconhecido e as consequências que podem surgir com este vírus, tanto ao nível da saúde como financeiro". "Exigência profissional, distanciamento familiar, não poder dar afeto aos familiares e amigos e convívio sem restrições e com liberdade."*

A religião é apontada como recurso de conforto e orientação para lidar com a situação estressante. Entre os adolescentes encontramos relatos em torno da religião: *"Com a minha mãe rezar",* outros adolescentes encontraram conexão com a natureza: *"Respirar ar puro e passear pelo campo*", e *"Fazer caminhadas e atividades que nos deixem relaxados"*.

Pensar em projetos futuros também contribui para uma perceção do sistema de crenças como o relato dos adolescentes: *"Mentalizar de que com esforço e dedicação, vai ficar tudo bem"*, permitir pensar positivo e o que gostaria de fazer ao fim da pandemia, pode auxiliar na esperança dos adolescentes, *"Estaria com os meus amigos e fazia uma festa com toda a gente que gostava de ver"*

A comunicação dentro da família de forma a clarificar os sentimentos, dá aos adolescentes segurança e confiança e assim surgiram relatos como estes: *"Partilhar o sentimos uns com os outros. Ser otimista. Pedir ajuda. Conversar, partilhar tudo com a família"* e *"Atividades que nos deixem relaxados, falar sobre o problema e tentar arranjar soluções"*.

Porém os pais desenvolveram a perceção e experiência de vida ampliada, com preocupações de ordem diversa (saúde, familiar, económica, laboral), desenvolveram uma ampla diversidade de estratégias para fazer face à essas preocupações: *"Estamos mais fortes e unidos a enfrentar situações de stress, quer na parte económica, quer na familiar"*, *"Olhar de*

forma positiva para os problema e acreditar que são uma fonte de mudança boa" e "Não desistimos, somos capazes de ultrapassar os desafios, união, estarmos juntos nas dificuldades, conversar e expressar sentimentos e ideias".

Ainda que, por vezes, coloquem todas as estratégias em uma só frase, dando sentido ao momento experienciado e a busca pela organização e comunicação familiar, para lidar com situações complexas e para a tomada de decisões:

"Confiança em nós, que isto é só um momento como já houve outros e que tais como esses, este também vai passar. Vermo-nos como seres humanos, uns mais velhos, outros mais novos, mas mesmo assim seres humanos que devem ser respeitados e ouvidos porque TODOS cá em casa, sem exceção, têm algo para ensinar e algo para aprender. Ouvir com amor e sem julgar porque todos erramos e merecemos uma mão nesses momentos e porque sem amor incondicional nada faz sentido. Criatividade, porque ajuda a abstrair dos maus momentos encontrando dessa forma a solução para muitas situações de stress".

Essas mudanças de comportamento, dão sentido para o momento através de uma perspetiva positiva. Conecta a família criando flexibilidade para a adaptação, com a partilha de momentos de prazer e assim as famílias adquirem orientação e fundamentação possibilitando um senso de normalidade para lidar com a crise no contexto pandémico (Walsh, 2016; 2023).

Discussão dos resultados

O presente estudo teve como objetivo investigar como os pais e adolescentes percecionaram os impacto da utilização das TIC e da resiliência familiar durante a pandemia de COVID-19. Através dos resultados podemos concluir que a perceção dos impactos face a utilização das TIC nas famílias durante o período de pandemia, não revelou uma diferença estatisticamente significativa entre pais e adolescentes.

O impacto da utilização das TIC no contexto familiar, foi evidenciado entre os adolescentes do sexo masculino que revelou uma perceção mais favorável. Nesta etapa do ciclo de vida, os adolescentes recorrem ao afastamento dos pais e por maior interação com os amigos em busca de autonomia e individuação (Carter & McGoldrick, 2011).

Porém, por apresentarem também inseguranças nesta etapa do ciclo vital, podem acabar por transferir para o mundo virtual a relação como um modelo fácil e rápido de pertencer a um grupo (Patrão, 2016). O que nos permite pensar que adolescentes do sexo masculino possam

ter encontrado desta forma uma perceção do impacto da utilização das tecnologias mais positivo durante esta fase.

Uma investigação realizada por Santos (2022), constatou que durante a pandemia de COVID-19, os pais percecionaram a família sendo mais resiliente, o que vai de encontro a esta investigação. Os pais, nesta investigação apresentaram uma perceção mais elevada em todas as dimensões da resiliência familiar.

Esta baixa perceção da resiliência entre os adolescentes, pode ser justificada pela etapa de desenvolvimento física e psicológica que pode intensificar as complexidades das relações familiares (Relvas, 1996). Contudo, revela-se uma dupla crise, em que a pandemia se sobrepõe à crise normativa que as famílias com filhos adolescentes passam, com desafios emocionais relacionais e comportamentais.

Comparando os grupo de pais e adolescentes na variável sexo, os pais do sexo masculino percecionaram a família como mais resiliente na dimensão sistema de crenças. Outro aspeto que surgiu com resultado positivo à perceção dos pais, foi a diferença estatisticamente significativa entre adolescentes e pais diante da variável idade.

Quanto mais elevada a idade maior a perceção de resiliência na comparação entre grupos. Diante das três dimensões da resiliência familiar, os adultos com idades compreendida entre os 45 e os 55 anos apresentaram perceção maior que os adolescentes, sendo particularmente evidente esta diferença na dimensão da comunicação e resolução de problemas.

A medida que o tempo vai passando, as pessoas tendem a buscar sentido e coerência diante da vida, seguem com suas experiências e sabedoria, desenvolvendo novas perspetivas para lidar com momentos diversos, isso pode explicar que quanto mais elevada idade, mais perceção da resiliência familiar (Walsh, 2016).

Os impactos da pandemia foram sentidos de diferentes aspetos pelas famílias portuguesas, principalmente as mais vulneráveis que foram as mais afetadas com a instabilidade provinda da pandemia de COVID-19, a fragilidade socioeconómica e os recursos limitados aumentam o stress familiar (Correia, 2020; Walsh,2016). O que sustenta os resultados deste estudo, diante a baixa perceção de resiliência familiar das famílias com baixos rendimentos económicos e das famílias monoparentais.

Essas famílias apresentam em suas estruturas familiares complexidades como, tensões persistentes e escassez de recursos, que comprometem o funcionamento e a estabilidade familiar e com isso intensificam os desafios enfrentados, direcionando as famílias para uma má adaptação diante da crise, reduzindo a perceção da resiliência familiar (Walsh, 2016).

Por outro lado, o grupo de adolescentes com família nuclear intacta e os pais com maiores rendimentos económicos mostraram-se diretamente relacionados com níveis elevados da resiliência familiar, sobretudo ao nível de comunicação e resolução de problemas. Este dado pode indicar que havia espaço para uma comunicação com informações clara, a livre expressão emocional e diante os problemas eram solucionados em conjunto.

Um outro ponto de perceção da resiliência familiar entre os pais e adolescentes, estão descritos como tempo que passaram em família. Os pais que ficaram mais de 6 horas em família, apresentaram perceção maior nas três dimensões. Porém para os adolescentes a perceção de resiliência familiar foi percebida com um tempo de 3 a 6 horas em família.

Estes dados sugerem que a baixa perceção da resiliência por parte dos adolescentes diante dos pais, pode ficar a dever-se à necessidade de afastamento dos pais e por maior interação com os amigos (Sampaio, 2018).

De acordo com estudos da Walsh (2016), quanto maior o tempo em família com interação regular e de qualidade entre seus membros os laços afetivos são fortalecidos, promovendo um sentido de pertencimento e segurança com capacidade para enfrentar os desafios e crises.

Ao analisar os dados qualitativos fica percetível o complemento diante dos resultados dos dados quantitativos, pois a forma como estas famílias sentiram a crise pandémica e procuraram implementar práticas e mudanças que lhes permitiram lidar com os desafios a que foram submetidas, evidenciaram-se algumas diferenças entre pais e filhos.

Assim, enquanto os filhos parecem preocupar-se com questões de ordem académica, incertezas em relação ao futuro académico e centrados no isolamento social que os impedia de se relacionarem socialmente de forma direta com familiares e amigos.

Os pais, talvez por apresentarem experiências de vida mais ampliadas, revelaram ter estratégias mais consolidadas para lidar com preocupações mais amplas, como as de carácter financeiro, saúde e familiar, face as situações e tomar decisões responsáveis face a estas.

Conclusão

A presente investigação pretendeu contribuir para um melhor entendimento e incentivar futuras pesquisas sobre o impacto da utilização das TIC e a resiliência familiar, ao propiciar evidências empíricas diante de uma crise global como a pandemia de COVID-19.

Há variáveis sociodemográfica como idade e sexo, que nos permitem evidenciar diferenças ao nível da perceção do impacto da utilização das TIC na família e da resiliência familiar, entre o grupo de pais e adolescentes.

Uma contribuição deste estudo foi analisar os dados qualitativos e as diferentes perceções entre pais e adolescentes diante a resiliência familiar.

Uma das limitações desta pesquisa foi o baixo número de participantes, que limitou as análises estatísticas menos robusta, com pouca comparação entre dados.

Estudos futuros podem aumentar o tamanho das amostras, estenderem-se a famílias de outras etapas do ciclo de vida familiar, e assim contribuir para a generalização dos resultados em variados contextos familiares.

Uma análise longitudinal permitiria analisar estudos ao longo do tempo, principalmente com a adaptação das famílias em novas realidades.

Por fim, como proposta de investigações futuras, percecionar os efeitos de novas TIC, como realidade virtual e inteligência artificial na resiliência familiar.

O momento de crise pandémica afetou todos os membros das famílias modificando as dinâmicas familiares. Porém, diante das crises as famílias podem aceder aos recursos individuais e familiares para enfrentar o momento, lidar com as diversidades e aumentar os recursos para uma boa adaptação.

Referências Bibliográficas

Alarcao, M. (2000). *(Des) equilíbrios familiares*. Editor. Quarteto Editora.

Branquinho C., Santos, A. C., & Matos, M. G. (2020) *A COVID-19 e a voz dos adolescentes e jovens em confinamento social.* Psicologia, Saúde & Doenças, 2020, 21(3), 624-632 DOI: http://dx.doi.org/10.15309/20psd210307

Carter, B., & McGoldrick, M. (2011) *As mudanças no ciclo de vida familiar. Uma estrutura para a terapia familiar* (2ª edição). Editora Artmed.

Carvalho, J. (2022) *Famílias no mundo digital: Padrões de utilização, ciclo de vida e dinâmica familiar*. [Dissertação Doutorado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra]

Carvalho, J., Francisco, R., & Relvas, A.P. (2017). ICTs *and family functioning: A study with portuguese families with adolescents and emerging adults. Journal of Contemporary Family Therapy.* 39, 281-288. https://doi.org/10.1007/s10591-017-9436-8

Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Erlbaum.

Cohen, J. W. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd edn). Lawrence Erlbaum Associates.

Correia, T. (2020). *A gestão política da COVID-19 em Portugal: contributos analíticos para o debate internacional*. https://doi.org10.1590/0103-11042020E403

Coslin, P.G. (2009) *Psicologia do adolescente*. Instituto Piaget, D.L.

Daly, K. (2007). *Qualitative methods for family studires & human development*. Sage Publications.

Dathein, R. (2003, fevereiro). *Inovação e Revoluções Industriais: uma apresentação das mudanças tecnológicas determinantes nos séculos XVIII e XIX*. Publicações DECON Textos Didáticos 02/2003. DECON/UFRGS. Recuperado de http://www.ufrgs.br/decon/

Dowdy, S., Wearden, S. & Chilko, D. (2004) *Statistics for research*. Wiley.

Efron, B. (1979). *Bootstrap methods: Another look at the jackknife*. The Annals of Statistics, 7(1), 1-26. https://doi.org/10.1214/aos/1176344552

Field, A. (2013). *Discovering statistics using* IBM SPSS Statistics (4th ed.). Sage.

Imber-Black, E. (2020). Rituals in the time of COVID-19: *Imagination, responsiveness, and the human spirit. Family Process*, 59(3), 912–921.

Instituto Nacional de Estatística (2023). *Inquérito à utilização de tecnologias da informação e da comunicação pelas famílias*-2023

Keppel, G. (1991). *Design and analysis: A researcher's handbook*. Prentice-Hall.

Lino, C. F. (2023). *Adaptação e validação da versão portuguesa do Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ-PT)* [Tese de mestrado não publicada]. Instituto Superior Miguel Torga.

Organização Pan-Americana da Saúde. (s.d.). *Histórico da pandemia COVID-19.* Recuperado de https://www.paho.org/pt/COVID-19/historico-da-pandemia-COVID-19

Patrão, I. & Leal, I. (2019) *Intervenção em ciberpsicologia*. Editora Pactor.

Patrão, I. & Sampaio, D. (2016). *Dependências online: O poder das tecnologias*. Editora Pactor.

Pereira, I. (2022). *Funcionamento familiar, resiliência e coparentalidade. Estudo com pais e mães em famílias com e sem divórcio.* [Tese de mestrado não publicada]. Instituto Superior Miguel Torga.

Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: perspetiva sistémica*. Edições Afrontamento.

Sampaio, D. (2018). *Do telemóvel para o mundo: Pais e adolescentes no tempo da internet*. Editora Caminho

Santos, I. (2022). *Funcionamento e resiliência familiar na pandemia COVID-19: Estudo comparativo – fases da pandemia e posição na família.* [Tese de mestrado não publicada]. Instituto Superior Miguel Torga.

Walsh, F. (2016). *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade*. (4ª edição). Artmed.

Walsh, F. (2020) *Loss and resilience in the time of COVID-19: Meaning making, hope, and transcendence family process*, Vol. 59, No. 3, 2020 © 2020 Family Process Institute https://doi.org12588

Walsh, F. (2023). *Addressing complex relational and transgenerational dynamics reverberations from the past*. In F. W. Walsh (Ed.) *Complex and Traumatic Loss Fostering Healing and Resilience* (pp. 205-227). The Guilford Press.

Wendt, H. W. (1972). *Dealing with a common problem in social science: A simplified rank-biserial coefficient of correlation based on the U statistic. European Journal of Social Psychology*, 2(4), 463–465. https://doi.org/10.1002/ejsp.2420020412